



## Devir-fungo

Melanie Theresia Peter<sup>1</sup>

*“La belleza, escribió Georges Steiner, es la ruptura de la regla. En efecto, el poema desarma, trae la palabra afuera de la convención, incluso afuera de la convención del propio poema.*

*En el poema, la palabra libra un combate a muerte con la vida, busca la sombra de sí, el espejo en el cual no verse, por un instante, a fin de permitir la caza de lo imponderable, ese vacío del cual provienen el deseo y lo deseado y quien desea, y al que siempre se vuelve. La palabra poética sería, así, un puente entre ningún lado y ningún lado. Una consternación.*

*Un atajo para ir de lo que todavía no ha sido a lo que, tal vez, nunca será. Octavio Paz la equiparó al encuentro amoroso entre dos cuerpos, la llamó comunión, instancia de lo sagrado. Y, de algún modo, lo es. Ya que, en ese espacio entre imposibilidad e imposibilidad, un sueño más que humano tiene lugar, y ese sueño es luz, tiempo en el Tiempo”.*

Maria Negroni

### Resumo

Uma insurreição fúngica está em curso e ameaça o embrutecimento e a mecanização dos modos de produzir conhecimento. Outras maneiras de fazer são permitidas. Aposto, apoiada em Anna Tsing, no mutualismo e na “imersão apaixonada na vida dos não humanos que estão sendo estudados”. Nos subterrâneos, nas ruínas, enrolados em raízes, dentro das células vegetais e humanas, em paisagens devastadas, nos cantos úmidos das malhas viventes, junto e dentro dos corpos, nas telas e nos livros, os micélios correm. Eles estão virtualmente em todos os lugares, produzem efeitos plurais; seguem encontrando alteridades, criando solo, consumindo manchas de óleo, transformando insetos em zumbis, embalando viagens psicodélicas, conectando a floresta, fermentando bebidas, reciclando as sobras da inconsequência humana, escrevendo e reescrevendo as histórias das bordas. Ensinam algo sobre o poder da contaminação, das simbioses e da permanência da vida até mesmo onde a morte já foi decretada. O texto coloca em relação temporalidades, fluxos e fragmentos de mundo a fim de tentar entender como experiências operam dentro dos estudos científicos da cultura. Busca horizontalar um pensamento “micelial” textualizado nas descobertas, práticas e procedimentos que se dão a partir de mundos que se perdem ou se transformam, apetites/oportunismos fúngicos e recipientes. O conceito de recipiente é tomado de Elisabeth Fisher, em “*Carrier Bag Theory of human evolution*”, retomado por Ursula K. Le Guin em “*The Carrier Bag Theory of Fiction*”.

Palavras chave: fungos, multiespécies, Teoria da Cesta, novas alianças, Antropoceno

---

<sup>1</sup> Mestranda, PPGAS/UFAM.

## Introdução

Atravessada pela pandemia global, vivo a vida banal, cheia de possibilidades e sem nenhuma garantia. Lá fora as *xawaras*<sup>2</sup> avançam. Aqui dentro é um espaço amplo de margens borradas onde tento dissecar os textos e dissertar uma ficção antropológica. O braço ainda dói. A injeção deixa marcas no corpo agora vacinado. Devenho junto com os vírus, afinal,

nós fazemos rizoma com nossos vírus, ou antes, nossos vírus nos fazem fazer rizoma com outros animais. As transferências de material genético por intermédio de vírus ou por outros procedimentos, as fusões de células saídas de espécies diferentes, têm resultados análogos àqueles dos ‘amores abomináveis’ apreciados na Antigüidade e na Idade Média (Deleuze & Guattari 2000: 20).

As palavras desenhadas na tela dançam livres sem encontrar conforto. O aviso último do xamã sobre *A Queda do Céu* (Kopenawa & Albert 2015) não chegou aos ouvidos gananciosos dos seres da mercadoria e a terra-floresta-mundo segue sendo devastada agora, agora, agora... e de forma ainda mais violenta do que já foi no passado. A “fumaça das epidemias” é problema de todos. Diante de tantas mortes transformadas em números, a virulização da indiferença à vida ameaça inclusive o edifício construído pela ciência, lentamente arrastado na catástrofe junto com todo o resto. Observo.

Tendo a resistir e multiplicar mundos, mas como decompor o já dado? Como descobrir o dissimulado que interdita certas condutas? Como tornar visível isso que pode estar oculto nesse mito? Os pensamentos chegam todos ao mesmo tempo. É difícil escolher um caminho. As ruas seguem sem saída. Será o comportamento esquizo a solução nessa procura por uma forma?

Às vezes não compreendo, mas é porque me falta leitura. Talvez os sentidos, ainda imersos em seus ecoantes delírios vernáculos, não estejam atentos aos conselhos do mundo. O olhar indisciplinado para a antropologia talvez ainda não consiga ler o que esse mundo está

---

<sup>2</sup> A palavra, pertencente à língua Yanomami, tem uma definição ampla, compreende, sobretudo, doenças de origem exógena, vorazes e devastadoras. Utilizada deste muito tempo, a categoria tem sido agenciada para dar conta da sucessão dos eventos epidêmicos aos quais o povo tem sido exposto por conta do contato com não-indígenas e com as devastações ocasionadas por estes. Ver Kopenawa e Albert (2015).

dizendo. Imersos em uma época onde as catástrofes ambientais evidenciam-se em secas, alagamentos, incêndios, pandemias... “é difícil não nos perguntarmos sobre as consequências das ações humanas, especialmente por parte dos programas imperiais e industriais que tanto modificaram a terra, a água e a atmosfera do planeta. Como um antropólogo poderia responder a esses terrores?”, provoca Anna Tsing (2021: 177).

Tento acelerar os processos, mas eles seguem lentos. Abro e fecho gavetas, consulto arquivos mortos, procuro vida no mofo como se conseguisse fugir da visão instrumental da razão. As palavras desviam. Procedimentos padrão ainda condicionam. Nas transfronteiras, as mudanças institucionais e disciplinares prosseguem. As perspectivas abissais ameaçam uma escrita assombrada pela domesticação. Meu corpo pertence à terra, mas os pensamentos seguem emaranhados, como todo o resto.

Os conceitos, formatados em seu fazer provisório, transitam entre inflexões e difrações temerosos por perder o que ainda é importante quando se trata de entender o que é estudado, bem como os meios de investigação e os objetivos perseguidos pelos investigadores em suas trajetórias de aproximação. Vínculos artificiais encontram-se com formas obscuras pelas quais a diferença coexiste na reescrita da textura. Formas de vida compõem o tecido aberto, pronto para receber outros fios, outros nós. A experiência fundamental da comunicação é primordial quando se trata de compreender a diferença. Torço para que Bateson esteja certo quando diz que “na verdade, contribuições consideráveis para a ciência podem ser feitas com conceitos muito confusos e distorcidos” (Bateson 1998: 73, tradução nossa).

Encontrar êxtase, recortar e colar, capturar a selvageria, encontrar outros olhares ontológicos e epistemológicos, anunciar sistemas de crenças, intercambiar operadores ideológicos e suas fugas de significado, romper, acessar invisibilidades, reescrever sobre um mesmo texto, ler, ouvir, vasculhar, construir diálogos imperfeitos, justificar, entender as regras e aspectos que estão juntando os extratos distintos, ignorar possíveis fronteiras, friccionar, entender como se valida um conhecimento, simular uma teoria, devir... O campo constrói-se e desconstrói-se nas visões entrelaçadas em malhas viventes. A *bricolagem* exige um rigor ainda a ser descoberto. Existem muitas formas de amarrar os dados, muitos tipos de nós a serem dados. Num piscar de olhos, os procedimentos padrão voltam e exibem-se prometendo segurança acadêmica. Ilusões brilhantes em forma de teorias vitoriosas, impostas e estendidas no tempo

exibem-se apetitosas. Existe a tentação de encontrar conforto no pensamento de um outro. Uma fórmula, uma forma onde encaixar diferenças.

Detenho insistentemente o pensamento no exercitar de atencividade em relação às bordas cambiantes e despercebidas onde “a diversidade, biológica e social, se amontoa defensivamente” (Tsing 2015: 193). Imersa no tema das margens, de quem as transgride e quem as faz avançar, evoco James Clifford, historiador marginal e habitante confesso das bordas disciplinares.

Meu princípio básico, se é que você pode chamar isso de um “princípio metodológico”, é o seguinte: nunca aceite, ou nunca tome como ponto de partida, ou ponto de chegada, a definição que o próprio membro da disciplina oferece sobre ela. Eu pergunto o que os antropólogos, apesar de todos os seus desacordos, dizem que eles não são. Em seguida olho a relação histórica que está sendo policiada, ou disciplinada, ou seja, o processo disciplinador que ocorre nas margens ou nas fronteiras da disciplina. (Clifford 2002: 260).

Vejo como as questões da biologia se aliam às costuras do capitalismo global. Salta a imagem dos cogumelos como espécies companheiras, as simbioses caras aos líquens e às micorrizas. A transdisciplinaridade precisa ser imaginada. Gregory Bateson ecoa com força. Com seu espírito de historiador natural, transitou entre áreas, exercitou com maestria o nomadismo disciplinar. Saído do curso de zoologia em Cambridge, confessou aos pais sua opção pela antropologia.

Tenho ultimamente pensado bastante sobre meu futuro como zoólogo ou geneticista... tal trabalho – puramente impessoal – não poderá me dar a inspiração para superar as dificuldades da vida. Não é que eu não me interesse pela evolução e problemas correlatos. Estou interessado neles e, imagino, sempre estarei... acredito que a antropologia é quase que a única alternativa que acho que forneceria a inspiração pessoal que acredito necessitar e de fato espero sempre necessitar... Eu precisava de algum tipo de ruptura com a ciência impessoal corriqueira. (Bateson, em carta aos pais, julho de 1925).

Interessado, sobretudo, na cultura da ciência, Bateson encara a ciência da experiência como a própria antropologia e promove conexões de várias ordens entre várias teorias e campos, entre várias áreas do saber. Está interessado em uma crítica cultural onde as descobertas

científicas são menos importantes do que os problemas velados, escondidos nos meandros obscuros das ciências... Deixa claro como ele, assim como todos, avança sempre sobre dados provisórios, permanentemente revisitados e revisados em busca do aprendizado como rearranjo e processo, e não como resultado. Cartografa inclusive a sua chegada e sua passagem ao campo da antropologia, conceitualiza o percurso e as especificidades desses atravessamentos. Propõe uma ontologia que é epistemologia.

A flexibilidade do meio ambiente tem que ser incluída junto com a flexibilidade do organismo, porque como eu disse antes, o organismo que destrói o meio ambiente se autodestrói. A unidade de sobrevivência deve ser o organismo flexível em seu ambiente” (Bateson 1998: 307, tradução nossa).

No ensaio *Experimentos en el pensar sobre material etnológico observado*, publicado junto com outros textos no livro *Steps to an Ecology of Mind* (1998), Bateson propõe uma imagem bastante justa de como a ciência progride, do processo de conhecimento como um percurso onde opera um duplo habito mental: o surrealismo de se perder, para se encontrar. O movimento pendular entre o lúdico, o vago e seus fatores surpresa, a frouxidão de pensamento e a constituição de uma estrutura sobre alicerces frágeis, palpites descontrolados livres, boêmios e imediatamente a necessidade de que essa frouxidão seja confrontada com o concretismo rígido, a subtração mais sólida da massa já construída, o exercício de um pensamento mais rigoroso sobre os palpites (ainda que seja um rigor indisciplinado e não disciplinar).

Também enfatizou que nem sempre esse movimento é rápido ou pessoal, afinal, indivíduos diferentes daqueles que realizaram o pensamento solto inicial podem ser os responsáveis por levá-los ao rigor. Para que o processo avance é preciso sempre buscar a compreensão profunda e entender como igualmente importantes os dois momentos do processo.

Desejo enfatizar que cada vez que nos orgulhamos de encontrar uma maneira nova ou mais rígida de pensar ou expor, cada vez que começamos a insistir com demasiada energia no "operacionalismo" ou na lógica simbólica ou qualquer outro desses sistemas muito essenciais perdemos algo da capacidade de pensar novos pensamentos. E, da mesma forma, é claro, sempre que nos rebelamos contra a rigidez estéril do pensamento e da exposição formal e deixamos nossas atividades fluir sem controle, também perdemos. A meu ver, os avanços no pensamento científico vêm de uma combinação de pensamento

livre e estrito, e essa combinação é o instrumento mais valioso da ciência. (Bateson 1998: 70, tradução nossa).

As linhas de existência seguem entrelaçadas e compõem a malha móvel. Comunicações transversais entre linhas diferenciadas embaralham as árvores genealógicas. É preciso “buscar sempre o molecular, ou mesmo a partícula submolecular com a qual fazemos aliança” (Deleuze & Guattari 2000: 20).

Ainda restam pensamentos outros sobre o mesmo mundo, etnografar o desaparecimento da pluralidade não é a única opção. Talvez ainda seja possível começar a levar a sério o pensamento das coletividades que sempre viveram a existência como uma relação entre as espécies.

Há devires humanos, devires animais, devires vegetais, e assim sucessivamente. Conforme se movem juntos através do tempo, encontra-se uns aos outros, esses caminhos se entrelaçam para formar uma imensa e contínua tapeçaria em evolução. A antropologia, portanto, é o estudo dos devires humanos conforme desdobram-se dentro da trama do mundo” (Ingold 2015)<sup>3</sup>.

O xamã diria:

Na floresta, a ecologia somos nós, os humanos. Mas são também, tanto quanto nós, os xapiri, os animais, as árvores, os rios, os peixes, o céu, a chuva, o vento e o sol! É tudo o que veio à existência na floresta, longe dos brancos; tudo o que ainda não tem cerca (Kopenawa & Albert 2015: 480).

Insinuo que a floresta, assim como o micélio, ou o pensamento ameríndio, possui “margens indomáveis” (Tsing 2015).

Diante de novas responsabilidades quando se trata de ampliar a compreensão do Antropoceno-mais-que-humano, as trilhas voltam-se para teorias interessadas por um tipo de compreensão multidisciplinar ou transdisciplinar, trilhas necessárias para compreender com

---

<sup>3</sup>As citações do livro de Tim Ingold não estão paginadas porque ainda não consegui comprar um exemplar e o único .pdf disponível na internet até o momento foi escaneado de uma forma que omite a numeração das páginas.

profundidade a situação coletiva onde relações e formas são criadas e mantidas. Ao reinventar as práticas de conhecer e experimentar é preciso lembrar em “pensar sobre como a nossa própria sobrevivência é um enredamento contingente de *assemblages* multiespécies” (Tsing 2015). É simplesmente impossível continuarmos ignorando as interdependências entre os organismos que nos dão a vida na Terra.

Os padrões entrelaçados do viver e morrer também compõem as relações e suas histórias. É possível ler o passado contra a domesticação do presente, buscar novas oportunidades de considerar a justiça social tentando entender como as coisas poderiam ter sido diferentes. Novas possibilidades de realinhar valores, empurrando-os em direções imaginadas. Circunstâncias onde é possível especular novas maneiras de conhecer e de saber. “Para a saúde pública, direitos indígenas, justiça alimentar e a mera sobrevivência, mobilizações humanas precisam dar mais, e não menos, atenção aos não humanos” (Tsing 2021: 178).

### **Devir-fungo**



**Figura 1** *Mucorales*  
sobre/com/na batata-doce.  
Fonte: Melanie Peter (2021).

O vírus encontra o corpo poroso, aberto aos  
delírios do  
antropoceno.

Enquanto isso o mofo, inofensivo, movimenta-  
se entre mundos, decompõem os restos  
e cria solo.

O vírus replica, abala. O sistema imunológico  
luta, às  
vezes vence, às vezes sucumbe, às vezes  
persiste atacado e combalido.

Enquanto isso o mofo, sempre intempestivo,  
lança esporos no mundo, pequenos invisíveis a  
procura de um lugar, um onde para crescer.

O corpo imunodeprimido aspira os esporos, a  
respiração os engole, as feridas os acolhem, o  
sistema imunológico todo fraco não consegue  
combatê-los. A proliferação do fungo compõe  
com os rastros deixados pelo vírus, cria  
paisagens dentro do corpo múltiplo, abrigo de  
tantos organismos.

Aspergiloses e Mucormicoses<sup>4</sup> são os nomes de batismo de algumas das inúmeras infecções fúngicas às quais humanos estão expostos. A doença é mais conhecida pelo “apelido” recentemente adotado pela mídia para a designar: “fungo negro”<sup>5</sup>. O motivo desse nome é um

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Mucormicose&oldid=61683632>. Acesso em: 3 jul. 2021.

<sup>5</sup> Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Epidemia\\_de\\_fungo\\_negro\\_em\\_2021&oldid=61356419](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Epidemia_de_fungo_negro_em_2021&oldid=61356419). Acesso em: 30 jun. 2021.

dos sintomas possíveis: manchas escuras que indicam o lugar onde os micélios habitam os corpos. A doença, agora epidêmica, tem tratamento, embora seja também mortal em muitos casos. É tão atual quanto a pandemia da COVID-19. Acontece, nesse momento, em escala incomparavelmente menor, mas em diferentes locais do globo, inclusive, é claro, no Brasil. A Índia é o país campeão em número de casos, até o momento foram aproximadamente 45 mil diagnósticos. Mesmo que possa estar associado a várias outras doenças causadoras da depressão do sistema imunológico, atualmente a “peste” está associada principalmente à COVID. Acomete sobretudo pessoas internadas por longos períodos e expostas ao tratamento com esteroides, sobretudo em UTI’s. A salvação dos pacientes pode estar condicionada à remoção de partes do corpo, como maxilares, nariz e olhos. São as tentativas últimas da medicina para evitar que o micélio alcance o cérebro dos contaminados.

O mofo não tem limites, pode ser encontrado em qualquer lugar, desde satélites orbitais, até batatas-doces, frutas, folhas ou fatias de pão esquecidas. Onde tem umidade e algo para comer, ele está lá com seus apetites promíscuos. É fato quando se trata de fungos: eles sabem se adaptar.

Encontrar o corpo humano é quase sempre um mau agouro para a maioria das espécies. Desde a primeira respiração de um recém-nascido até o último suspiro de um convalescente, os esporos estão lá. Assim como estão em nossas roupas e em praticamente tudo o que tocamos. Caem diariamente sobre nós. Invisíveis, porém presentes, assim como os vírus. A cada inalação, em média nove “esporinhos” adentram os corpos. Com o sistema imunológico do hospedeiro em ordem, não conseguem se desenvolver. A elevada temperatura corporal dos mamíferos os protege de algumas cepas fúngicas. Nosso corpo é um recipiente hostil. Contrair infecções fúngicas é simplesmente não conseguir combater a proliferação dos esporos, é quando o corpo vira receptáculo, recipiente, substrato aos apetites dos *Mucorales*.

As infecções fúngicas ou as pandemias virais não são os mais bonitos dos exemplos, mas ilustram a interação, os encontros, a coevolução ou involução da humanidade. O corpo uno, mas não individual, múltiplo. A vida das espécies existindo em suas “dinâmicas ferais” (Tsing 2021). Deslizamentos, interdependências, transformações em cadeia e em conjunto. “A natureza humana é uma relação entre espécies” (Tsing 2015: 184).

Mas esse negócio de vírus e mofos é também preâmbulo, tem o intuito de provocar e tensionar. É mais uma história aparentemente assustadora, contada sem nenhuma intenção de despotencializar ou paralisar. Se humanos não vivem vidas isoladas, compõem com outros seres, refinar a qualidade desses encontros até transformá-los em histórias potentes sobre espécies companheiras é o desafio lançado do interior de um Capitaloceno sem limites.

Com ou sem humanos, os fungos seguem produzindo efeitos plurais, encontrando alteridades radicais, combatendo infecções bacterianas, conectando raízes pivotantes a rizomas, criando solo, decompondo construções abandonadas, consumindo grandes manchas de óleo, transformando formigas em zumbis, embalando viagens psicodélicas, fermentando bebidas, produzindo queijo, reciclando as sobras da floresta ou da inconsequência humana. Seguem escrevendo e reescrevendo histórias nos subterrâneos ou nas bordas. Tudo isso sem nenhuma lei que os proteja.

As dores, causadas por vírus, fungos ou culturas etnocidas, também são frequentemente expressas em histórias. E nenhuma dor é menor. O luto persegue os vestígios de todas as vidas e mundos que se perdem em um tempo onde a palavra pandemia requisita para si um significado antes inimaginado porque a palavra ecologia ainda não ecoa com a força necessária. Os rastros humanos na paisagem compõem os sintomas das maneiras inconsequentes de lidar com o ambiente. Os sistemas de *plantation* e suas paisagens simplificadas seguem envenenando a terra e quem a habita. Com seus gritos de morte abafados por embalagens coloridas, milhões de animais confinados são diariamente abatidos para o consumo humano. Essas histórias de vidas entrelaçadas são apenas números no interior do mercado global. Vidas confinadas, aglomerações de espécies são transformados em pedaços de proteína empacotada com subprodutos de petróleo e chegam aos lares de humanos domesticados. Lá onde a crueldade acontece, novas epidemias são gestadas. Todos estarão expostos.

Nesse Brasil de 2021, nesse país onde uma das mais emblemáticas frases do atual presidente é “a minha especialidade é matar”, resta dizer que:

Nós já ouvimos, todas nós já ouvimos sobre todos os porretes e as lanças e as espadas, as coisas usadas para espancar e perfurar e bater, as coisas longas e duras, mas não ouvimos sobre a coisa dentro da qual se guardam coisas, o receptáculo para a coisa que é recebida. Essa é uma história nova. Essa é novidade. (Le Guin 2019: 29, tradução nossa).

Em seu ensaio *The Carrier Bag Theory of Fiction*, Ursula K. Le Guin revisita o argumento de Elizabeth Fisher em *Woman's Creation: Sexual Evolution and the Shaping of Society*, publicado em 1980, sobretudo o capítulo “*Carrier Bag Theory of human evolution*”, onde a antropóloga repensa a história de nossos predecessores. Aqueles primeiros homínidos, os forrageadores e suas tecnologias, os habitantes de regiões de clima quente, longe das geleiras. Aqueles que viveram muito antes das *plantations*, das histórias sangrentas de grandes animais mortos por ferramentas pontiagudas ou das posteriores manchas na paisagem onde o gado ruma, arrotando e peidando emitindo altas doses de gás metano. A autora remonta àqueles que comiam principalmente vegetais, pequenas sementes, frutas, algumas raízes, gramíneas, eventualmente alguns crustáceos ou gafanhotos entre outros animaizinhos pequenos facilmente capturados, sem nenhum heroísmo, em armadilhas ou com as mãos. Em contrapartida à hipótese da caça como impulsionadora do desenvolvimento do sistema nervoso humano, Elizabeth apresenta “a invenção feminina da sacola como ponto de partida ou avanço quântico que criou o efeito multiplicador que deu origem à humanidade” (Fisher 1980: 56, tradução nossa).

Diante de um imaginário construído na direção da violência e da morte, parece realmente libertador pensar a primeira ferramenta/dispositivo criada pela mão humana não como algo violento e sim algo acolhedor. Não um instrumento de ataque ou de defesa, algo mais modesto, mas não menos importante: um lugar para guardar, um lugar onde reunir multiplicidades, recolher pequenezas ou carregar a prole junto de si. “A invenção do recipiente pode ser vista como fundamental na evolução de um ser humano de cérebro grande e duas pernas. Ele liberava as mãos para a coleta e fornecia armazenamento temporário para alimentos como nozes e frutas” (Fisher 1980: 56, tradução nossa).

Vale lembrar:

Onde a ferramenta tem suas histórias, a mão tem seus gestos [...] São habilidosas. Concentradas nelas estão as capacidades de movimento e sentimento que têm sido desenvolvidas através de uma história de vida de práticas passadas. O que está à mão senão um compêndio de tais capacidades, peculiares às múltiplas tarefas nas quais é posto em uso, e os gestos que implica? Assim, enquanto as mãos fazem gestos, gestos também fazem mãos. E é claro que eles também fazem ferramentas. Segue-se que o gesto é fundamental tanto para a fabricação de ferramentas quanto para o seu uso (Ingold 2015 s/p)

## Nas montanhas geladas

Em outros tempos, em um lugar distante e gelado em nada parecido com os tons de verde encontrados no clima tropical das teorias de Elizabeth, um outro predecessor demonstra a permanência dos recipientes na história. Ötzi, o homem do gelo, habitou regiões congelantes há pelo menos 5300 anos. Seu corpo persistiu mumificado junto com seus pertences. Vivia em um ambiente onde as sementes, escondidas sob camadas de gelo, não poderiam servir à alimentação. Morreu carregando restos dos animais mortos no intestino. Pelo menos é o que tem sido investigado. Comparada com a dos personagens de Fisher, a sua dieta era composta por uma porcentagem razoavelmente maior de proteína, sobretudo gordura animal. O fato foi notado, inclusive, nos entupimentos das artérias da “múmia” encontrada por trilheiros nos Alpes, em 1991. Possivelmente a causa da morte de Ötzi foi uma flecha. Morreu como uma presa ou como um inimigo.

Em suas andanças o hominídeo carregava uma montoeira de coisas junto e dentro de si. Dentre os itens, machados e flechas, apetrechos, o necessário para sobreviver. Foram encontradas junto dele duas cestas, dois recipientes, dentro de um deles, fungos. O Tinder Polypore (*Fomes Fomentarius*), pertencente ao grupo de cogumelos rijos e porosos, foi encontrado no interior de uma pequena sacola amarrada na cintura e é especulado como um recipiente de faíscas para iniciar fogo de forma rápida e eficiente. Um recipiente para tornar o fogo/o calor/a luz possível. Mas Ötzi também carregava consigo, presos em uma corda, exemplares de *Piptoporus Betulinus*, e o fungo pode ter sido usado por ele por suas propriedades medicinais. A Doutora em Microbiologia Ursula Peintner relata que

historicamente, culturas, da Amazônia tropical às zonas polares do extremo norte da Eurásia descobriram o poder dos Políporos na preservação e melhoria da saúde humana (Stamens, 1993). As propriedades médicas e espirituais eram frequentemente confundidas, portanto não é surpreendente que tenham figurado de forma proeminente na visão cosmológica dos povos nativos, muitas vezes sendo referidos como fontes eternas de força e sabedoria (Peintner & Pöder 2000: 147)

Talvez Ötzi fosse um desses seres de cura, de medicina, também conhecidos como xamãs, ou apenas alguém que aprendeu a combater parasitas intestinais (possuía muitos) ou infecções com ajuda dos fungos (ambas as propriedades têm sido reportadas quando se trata do

*Piptoporus*). O mesmo fungo também possui propriedades que atuam no fortalecimento do sistema imunológico, assunto caro ao atual momento.

### **O fungo também compõe o recipiente**

Ötzi carregava fungos dentro de recipientes, mas os integrantes desse reino também podem compor a própria cesta. Quando se trata de fungos e recipientes, as histórias das mulheres Yanomami e seus saberes trazem forma à existência, revelam histórias sobre gestos, processos de trabalho com materiais e sobre a composição das paisagens Amazônicas. Segundo Fisher, as mulheres

teriam sido as primeiras a inventar recipientes: elas próprias eram recipientes de crianças e estavam acostumadas a carregar crianças pequenas nas costas, na cintura ou nos braços. Muito mais tarde, elas foram associadas às primeiras tradições de cestaria e cerâmica (Fisher 1980: 60, tradução nossa).

Desde a década de 1970, as mulheres Yanomami usam os fios do Përisi para tecer suas histórias e compor suas trocas. *Marasmius Yanomami* é uma espécie de fungo rizomorfo, até então não identificada por taxonomistas, foi descoberto pelas mulheres e passou a ser utilizado nas cestas confeccionadas pelas integrantes da Associação de Mulheres Yanomami Kumirâyõma (AMYK). Algumas vezes confundido com plástico, o fungo já foi motivo de desvalorização do artesanato yanomami. Segundo relatam as próprias coletoras e artesãs no livro “*Përisi, Marasmius yanomami, O fungo que as mulheres yanomami usam na cestaria*” (2019), o fungo nasce emaranhado, cresce enroscados em cima das folhas e troncos, gosta dos ambientes úmidos e da mata fechada. Para saber onde encontrá-lo é preciso saber reconhecer os indicadores evidentes ao longo do caminho a ser trilhado. Serve de abrigo para cobras, escorpiões, lacraias e aranhas, por isso sua coleta requer uma série de cuidados e a proteção dos xamãs. Pode ser algo perigoso e, portanto, emocionante. Embora a coleta seja feita também na companhia de homens, o conhecimento sobre como utilizar o Përisi é específico das mulheres e é passado das mães para as filhas. Esse pequeno organismo é também uma possibilidade de contar novas histórias e reinventar mitos.

Para nós Yanomami existe a protetora da floresta, cujo cabelo é o cipó *too toto* e o *pērisi* são seus pelos pubianos, sendo que os insetos, aranhas e cobras que vivem na serapilheira são seus piolhos. Ela protege os recursos da floresta e por isso, quando nós arrancamos seus cabelos e seus pelos, precisamos fazer com cuidado e aproveitar o máximo possível, sem deixar os fios do *pērisi* estragarem. Quando tecemos os cestos à noite, corremos perigo, pois é quando a protetora anda em nosso mundo e ela pode querer puxar os fios de volta e nos fazer mal (Yanomami et al. 2019: 23).

Por isso, além de proteger as coletoras dos animais peçonhentos, os xamãs também precisam trabalhar junto com elas para distrair a atenção da protetora. Os xamãs Yanomami, como relata um deles, Davi Kopenawa, também lutam para combater as *xawaras*, essas patologias do corpo e da alma trazidas junto com a ganância dos seres da mercadora.

O que chamamos de *xawara* são o sarampo, a gripe, a malária, a tuberculose e todas as doenças de brancos que nos matam para devorar nossa carne. Gente comum só conhece delas os eflúvios que as propagam. Porém nós, xamãs, vemos também nelas a imagem dos espíritos da epidemia, que chamamos de *xawarari* (Kopenawa & Albert 2015: 366).

Essas doenças, antes desconhecidas pelos povos das florestas, vieram junto com mercadorias e motores, junto com a lama da terra remexida por forasteiros em busca do “outro canibal”. Segundo o xamã, o cheiro do metal queimado, o mercúrio diluído na paisagem, as pestes virais, são males difíceis de serem combatidos.

Outrora, na floresta não existiam todas as epidemias gulosas de carne humana que chegaram acompanhando os brancos. Hoje, os *xapiri* só conseguem conter a epidemia *xawara* quando ainda é muito jovem, antes de ela ter quebrado os ossos, rasgado os pulmões e apodrecido o peito dos doentes. Se os espíritos a detectarem a tempo, e vingarem suas vítimas sem demora, elas podem se recuperar. Esses novos males que os brancos chamam malária, pneumonia e sarampo, porém, são outros. Vêm de muito longe e os xamãs nada sabem a seu respeito. Por mais que se esforcem para enfrentá-los, nada os atinge. Seus esforços são inúteis e morremos logo, um depois do outro, como peixes envenenados por timbó. (Kopenawa & Albert 2015: 176).

Esse mal que avança segue fazendo suas vítimas. O povo Yanomami não foi poupado da COVID-19. O território segue invadido pelo garimpo. Forasteiros queimam árvores, contaminam rios, crianças Yanomami são engolidas por máquinas instaladas no meio de um rio antes límpido e agora completamente amarelo, manchado pela doença, transformado em linha de fuga mortal. A epidemia *xawara* encontrou a terra Yanomami e nunca mais foi embora de lá. “Tudo isso para encontrar ouro, para os outros brancos poderem com ele fazer dentes e enfeites, ou só para esconder em suas casas!” (Kopenawa & Albert 2015: 335).

### **Fome de proteína**

Os fungos são onipresentes, porém os cogumelos – múltiplos em suas formas, cores e tamanhos –, habitam, sobretudo, margens indomáveis. “Os cogumelos comestíveis e medicinais só crescem em poucos lugares. Muitos cogumelos valiosos desenvolvem-se em ambientes agrários equivalentes a costuras: nos limites entre campos e florestas, nas margens das zonas de cultivo” (Tsing 2015: 194).

Um subgrupo do mesmo povo Yanomami se destaca pela intensa relação de amizade e companheirismo com cogumelos e ensina algo sobre fontes de proteína. Davi Kopenawa esclarece, no prefácio do livro “*Ana Amopö – Cogumelos*”:

Desde tempos imemoriais os nossos ancestrais comiam cogumelos, principalmente quando eles não encontravam caça. Quando não encontravam caça e os cogumelos estavam nascendo, os antigos os coletavam e comiam com bananas e beiju. Assim faziam os antigos, e assim fazemos ainda hoje. Eu mesmo, quando não encontro caça, quando estou andando pela floresta e vejo os cogumelos, eu os coeto, embrulho em folhas e faço um pacote para assar na brasa. Assim como os antigos comiam, nós continuamos comendo os alimentos da floresta (Ana Amopö 2016: 17).

O xamã relata a sua experiência de coleta na floresta, mas os cogumelos também participam das relações multiespécies dos sistemas de cultivo de roças adotado pelos indígenas. Na derrubada de árvores e feitiço das roças, apenas as folhas e galhos finos são queimados, os troncos mais robustos e árvores mais grossas ficam apenas chamuscados e é ali, nessas bordas

indisciplinadas, onde nascem os cogumelos. Humanos, fungos, plantas, miríades de organismos aparecem emaranhados e vivem as sincronicidades das suas existências multiespécies. Assim, aliados com os povos ameríndios, os fungos encontram seu alimento e aliados para dispersar seus esporos.

Como as roças são responsabilidade principalmente das mulheres, são também elas, com suas cestas, as principais coletoras dos fungos ali presentes. Já os homens “pegam cogumelos geralmente quando vão caçar na floresta. Quando encontram muitos, fazem um embrulho com folhas, que é pendurado no pescoço para ser transportado” (Ana Amopö 2016: 26).

Diferente de muitos outros alimentos, quando se trata dos cogumelos não existe nenhum tipo de tabu alimentar. Crianças, jovens e velhos Sanõma podem comê-los em todas as fases da vida, “mas os jovens preferem os cogumelos mais saborosos, que são considerados tão satisfatórios e nutritivos quanto a carne” (Ana Amopö 2016: 27).

Como detalhado na Enciclopédia (2016), os Yanomami no geral e os Sanõma, em particular, fazem distinções entre os tipos de fome possíveis. São dois: “fome de proteína” e “fome de carboidrato”. Neste caso, “os cogumelos entram na categoria dos alimentos que saciam a fome de proteínas, junto com os peixes e os animais de caça” (Ana Amopö 2016: 27). Embora a relação dos Yanomami com os fungos seja abrangente e talvez a mais difundida, vale ressaltar:

Na Amazônia brasileira, estudos etnomicológicos a partir das décadas de 60 e 70 relatam o consumo de espécies de cogumelos por grupos indígenas como os Yanomami, Tucano, Nambiquara, Caiabi, Txicão e Txucurramãe. Estudos mais recentes relatam o etnoconhecimento de indígenas Uitoto, Muinane e Andoke da Amazônia colombiana, indígenas Hoti da Amazônia venezuelana, assim como povos rurais e ribeirinhos da Amazônia peruana (Vargas-Isla & Ishikawa 2013 s/p).

## **A caça**

Para Le Guin, a origem da contação de histórias, da ficção, também remonta a um imaginário onde, ao redor da fogueira, os homens talvez ainda cheirando sangue e vísceras relatavam suas experiências. Possivelmente durante ou depois dos relatos, besuntavam as

paredes das cavernas com ilustrações... as primeiras histórias de heróis e seus retratos. “Os caçadores habilidosos da época voltavam cambaleando com um monte de carne, um monte de marfim e uma história. Não era a carne que fazia a diferença. Era a história” (Le Guin 2019: 27, tradução nossa).

Gostaria registrar algo em relação à compreensão do mundo vivido e das possibilidades de vasculhar o entorno em busca dos vestígios do ainda não domesticado: mesmo que os mamutes e os bisões sejam sempre os mais lembrados quando se trata dos desenhos nas paredes das cavernas, coisas pequenas a serem recolhidas em recipientes também eram suficientemente importantes para seres retratadas.



**Figura 2** Pinturas rupestres datadas de 7000 a 9000 anos a.c. Encontradas no Deserto do Saara, em Tassili, na Argélia.

Fonte: Akers et al. (2011). Fotógrafo: A. Piper

Nos espaços simbióticos onde os vírus saltam entre organismos diferenciados e a vida se desenvolve a partir das relações multiespecíficas, os cogumelos seguem como bons exemplos de como explorar a vida sem a promessa de estabilidade. Tsing alerta: “Nem a história do progresso nem a da ruína nos dizem como pensar sobre a sobrevivência colaborativa. É hora de prestar atenção à coleta de cogumelos. Não que isso vá nos salvar - mas pode impulsionar nossa imaginação” (Tsing 2015: 37).

Quando aterrissa e encontra substrato, um lugar para crescer, algo que possa decompor, o esporo torna-se uma hifa, uma linha de fuga. Quando encontra outra linha de fuga, se conjuga, em uma ação que pode se repetir *ad infinitum* (caso tenha alimento e condições adequadas, o micélio não envelhece, pode viver eternamente). Essas conjurações compõem a malha chamada micélio, ou vida. Ideias e conceitos também precisam de solo fértil e também ganham força quando encontram outras linhas com as quais se conjugar. Linhas de pesquisa, de enunciado, linhas de vida e de morte, linhas de fuga, enfim. Os fungos ajudam a pensar na beleza da decomposição, da desmontagem, decomposição de certos elementos. Essa decomposição cria adubo em forma de solo para que a história continue escrevendo-se. É importante aprender a decompor ideias mortas, alimentar-se delas, consumi-las criando um solo onde a vida e novas ideias podem voltar a crescer.

Deslizando, decompondo e dispersando mundos, cogumelos e seus associados são protagonistas de histórias desenroladas em bordas emaranhadas nas malhas de vida e abrem possibilidades de desenvolvimentos ecológicos. Tsing (2010: 192) também relata no texto *Arts of Inclusion, or How to Love a Mushroom*, como, embora ainda sejam menos percebidos do que deveriam,

muitos dos poucos que notam os fungos os amam com uma paixão de tirar o fôlego. Chefes de cozinha, herbalistas e aqueles que remediariam a ecologia mundial muitas vezes se tornam devotos do mundo dos fungos. Os coletores de cogumelos selvagens elogiam sua generosidade inesperada, suas cores, sabores e cheiros, e sua promessa de um meio de subsistência vindo da floresta (Tsing 2010: 192, tradução nossa).

Tsing comenta inclusive sobre a chamada "febre do cogumelo", um arrebatamento que impulsiona forrageadores a largar qualquer outra atividade para sair em busca da comoção, da história, da promessa da dádiva, da “emoção selvagem da caça”. Sim, a caça, agora transformada em algo menos mortal e menos sangrento, menos assustador, mas igualmente potente enquanto relato. Uma caça de coisas pequenas, coisas a serem colocadas na sacola, ou melhor, cesta: um recipiente necessariamente feito de fibras entrançadas, propositalmente composto por malhas cheias de vãos e espaços por onde os esporos podem vazar por todos os lados. Enquanto coletam, consomem, estudam cogumelos, os devotos também largam trilhas

de esporos pelo mundo. Colaboram com seus companheiros. “E, enquanto alguns devotos se contentam com a associação pessoal com fungos, outros desejam compartilhar sua paixão com o mundo” (Tsing 2010: 192, tradução nossa).

Esse reino composto por ilustres desconhecidos (estima-se que apenas 5% de todas as espécies existentes são conhecidas), pode ensinar algo sobre como adaptar-se ou como trazer paisagens inóspitas de volta à vida. Sobreviventes de todas as mudanças climáticas, no atual contexto de doenças infinitas, os fungos fornecem metade dos 20 medicamentos mais importantes para os ocidentais. Talvez carreguem consigo, em seus subterrâneos, novos medicamentos contra a visão separatista, contra as novas superbactérias, ou contra algum vírus ainda companheiro apenas de espécies longínquas. Podemos continuar os ignorando, ou podemos aprender com eles.

## Referências

- BATESON, G. 1998. *Pasos hacia una ecología de la mente*. Buenos Aires: Lohlé – Lúmen.
- CLIFFORD, J. 2002. “As fronteiras da antropologia. Entrevista com James Clifford”. In: J. R. Santos Gonçalves (org.), *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. 2000. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Enciclopédia dos alimentos yanomami (sanõma): cogumelos*. 2016. São Paulo: Instituto Socioambiental/Hutukara Associação Yanomami.
- FISHER, E. 1980. *Woman's Creation: Sexual Evolution and the Shaping of Society*. Nova Iorque: McGraw-Hill Book Co.
- INGOLD, T. 2015. *Estar vivo. Ensaios sobre movimento, conhecimento, descrição*. Petrópolis: Vozes.
- KOPENAWA, D. & ALBERT, Bruce. 2015. *A Queda do Céu. Palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras.
- LE GUIN, U. 2019. *The Carrier Bag Theory of Fiction*. Ignota Books.
- NEGRONI, M. 2016. *El Arte del Error*. Madrid: Vaso Roto Ediciones.

PEINTNER, U. & PÖDER, R. 2000. “Ethnomycological remarks on the Iceman’s fungi”. In: S. Bortenschlager & K. Oeggl, *The iceman and his natural environment*. Springer: Vienna. pp. 143-150.

TSING, A. 2010. “Arts of Inclusion, or How to Love a Mushroom”. *Mānoa*, 22(2): 191-203.

TSING, A. 2015. “Margens Indomáveis, cogumelos como espécies companheiras”. *Ilha – Revista de Antropologia*, 1(1): 117-201.

TSING, A. 2021. “O Antropoceno mais que humano”. *Ilha – Revista de Antropologia*, 23(1): 176-191.

VARGAS-ISLA, R. & ISHIKAWA, N. K. 2013. *Fungoteca: Biblioteca virtual de Fungos da Amazônia*. Manaus: CENBAM.

YANOMAMI, F.; DE MATTOS VIEIRA, M. & ISHIKAWA, N. K. (orgs.). 2019. *Përisi: përisiyoma pë wãha oni = Marasmius yano mami: o fungo que as mulheres yanomami usam na cestaria*. São Paulo: Instituto Socioambiental/ São Gabriel da Cachoeira, AM: Associação de Mulheres Yanomami Kumirãyõma.